das grandes mêsas para observar o grande vai-vem dos veraneantes da sala de baile para o café ou para os salões da roleta, quando chegáram ao pé de mim o Sergio Calisto e o Baltazar de Almeida Teixeira.

O primeiro fôra meu condiscipulo no Liceu e no meu 2º. ano de matematica e tratavamos-nos por tu; o segundo apenas o conhecia da Loja Pro-Veritate. Os dois com um rapido preambulo, aproveitaram o encontro para me declarárem que haveria em bréve mais outro exodo de academicos da Pro-Veritate onde [illegible] o Baltazar ainda estava; que iriam formar nova oficina e que me queriam para seu veneravel.

Os marotos iam-me despertando a vaidade, ali apanhado de surpresa, naquele ambiente movimentado, todo cheio de mulheres que passavam e que gostavam de ser vistas. Quase abriram bréeha, como se diria em linguagem militar. Tive de compôr o semblante com ares de modestia, de lembrar-lhes a minha insignificancia, a responsabilidᵉ. do cargo, os deveres de representação, todos esses tropos habituais empregados em situações semelhantes.

— Deixa-te disso, dizia-me o Sergio mais positivo. Queres, não é verdade?

— Bem vês, menino... é caso que precisa pensado...

O Luis da Silva Ribeiro, tambem veraneante, com o qual já tinha trocado impressões acerca da futura cisão da Pro-Veritate, viu-nos e aproximou-se, farejando rabulice; chegou na altura e atira-me logo, sem mais nem menos:

— Você, alferes, com uma posição definida, têso, disciplinado, é o que se quér para um grupo de estudantes.

Eu e o Luis Ribeiro conheciamos-nos bem; gostava dele mas reconhecia o seu feitio rábula que levou os rapazes com quem mais convivia a alcunha-lo de «João das Regras.» Olhei de soslaio, conheci que ele me quereria pôr á prova e açular a natural vaidade de rapaz, posta assim a tratos com a perspectiva das honras de venerável. A conversa continuou, entrámos na sala do café e sentados á volta duma mêsa, tomámos, todos quatro, um chocolate fraternal. Verdadeiramente fraternal. No entretanto combinaram-se coisas, discutiram-se pla

nos, imaginaram-se grandes emprezas; o chocolate bebia-se lentamente, a tragos, quase a medo...

O Luis Ribeiro, com o seu olhar vivo e inteligente, observava tudo; e eu, fumando um charuto a que a minha futura superioridade obrigava, ia expondo um programa vasto, soberbo, pausadamente, com solenidade... E com gesto largo resumia:

— Assim, Coimbra, poderá ser quase nossa!...

Deu meia-noite, meia-noite e meia hora, uma hora. Paguei liberalmente o chocolate, como cumpria; e quando, ao despedir-me e a considerar-me, com regosijo intimo, homem indispensavel, dei de cara com o Agapito Pedroso Rodrigues.

— Oh!...

— Oh selvagem!...

E abraçou-me. E imediatamente, com a resolução propria dos homens de talento (embora opostos ou pelo menos divergentes mas tendentes, ambos, p.ª a Perfeição) resolvemos ir modestamente «ás pêgas...» Disse adeus aos rapazes e segui com o poe-

ta do _Auto Pastoril_, rua acima, para o incognito. Esse incognito era certa hetaïra cujas perfeições o Pedroso encarecia.

— E' a A....

— Pois vamos lá!

Seguimos conversando. O incognito concretizou-se junto á Praça de Touros, em uma casita pequena para a qual entrámos pela janela, com cuidados para não acordar os outros admiradôres da Perfeição. Fóra, havia nevoeiro, havia humidade; um luar triste alumiáva as ruas desertas.

Seriam 2 h. e meia voltei para o hotél já com vontade de dormir. O mesmo nevoeiro, o mesmo frio humido. O luar alumiáva tristemente as ruas. Constipei-me. E assim acabou aquela noite em que eu, pela vaidade inerente aos homens, especialmente aqueles que contam 25 anos, me vi guindado ás honras supremas do veneralato maçonico, incensado pelo Luis da Silva Pinheiro para justificar a alcunha de João das Regras e... se a memoria me não falha, desiludido das perfeições anunciadas pelo Agapito da modesta hetaïra cujo palacio encantado tinha entrada por uma janela

do rez-do-chão para não incomodar outros visitantes atraídos pelas perfeições das companheiras.

No dia seguinte, no regresso a Coimbra, encontrei no comboio o Dr. Francisco José Fernandes Costa que durante o caminho me disse querer falar comigo a sério, pois entendia que eu não deveria andar ás soltas, fóra da obediencia maçonica. Isto queria dizer que me iria convidar para entrar na Loja Portugal, loja composta por gente categorizada, na maioria republicana e já sem verduras de mocidade. Eu não disse que sim nem que não; respondi apenas que estava ás suas ordens para conversar, bastava marcar ele o dia e hora.

E ficámos por aqui.

Expuz tudo isto ao José Sobral então em Alcains (Bª. Baixa) que me respondeu com considerandos engraçados e justos ao mesmo tempo que me dava inteira liberdade para eu seguir ou não seguir para onde quizesse sem me preocupar com ele.[1] E eu fiquei-me na mesma, livre e á solta; os

---

[1] Docᵒˢ 133 e 134 do cit. vol. II.

rapazes que em Setembro me falaram na Figueira nunca mais deram sinal de si; o dr. Fernandes Costa não me convocou para conversar e assim se passou o resto do ano de 1905 e todo o de 1906 sem haver qualquer facto que mereça menção neste capitulo — alem de eu reclamar para a Pro-Veritate acerca da indemnização dum dinheiro emprestado para a sua fundação.

Uma garotice, afinal.

Ora em Maio de 1907, quando as arvores começavam a lançar a folhagem e a passarada a correr alegremente pelos campos, surgiu nova ocasião para re-entrar nos sagrados misterios.

A Loja Patria do Fausto Quadros, desmembrava-se; um grupo de oleiros á frente dos quais estava o velho amigo José Augusto Pereira de Vasconcelos, queria fundar nova oficina e pensáram em mim para seu veneravel.

Outra vez no caminho do veneralato...

Conto isso minudamente no volume organizado em 1921-1922 no qual copiei a documentação guardada; não vou pois repetir o que escrevi então e que, na verdade, em

la a pena ler porque dá bem a medida do que eram os trabalhos maçonicos naquela quadra movimentada.[1]

Ao mesmo tempo apareceu aí um alferes António de Oliveira, oficial pratico, de Leiria, que se dizia possuidor de grande importancia dentro da Ordem mas de quem sempre desconfiei. Queria fundar triangulos a torto e a direito e nunca percebi donde lhe vinha a ancia da triangulação e por conta de quem trabalhava com tanta préssa.

Foi sempre para mim um misterio e um misterio m.to suspeito. Tambem conto miudamente no mesmo volume as minhas relações com esse cavalheiro que sempre considerei cavalheiro de industria.[2]

Nesse periodo deu-se a chamada «Gréve academica» por causa da qual fui parar a Valença do Minho como noutros passos destas infindaveis memorias fica contado. As negociações continuáram por cartas até que eu, em Novembro desse ano de 1907,

---

(1) A pag. 25 e seg.tes do cit. vol. II
(2) A pag. 36 e seg.tes do d.o vol.e

~~au~~torizei, de Valença, a inclusão do meu nome no novo quadro a que deram o título romântico de Redenção. E aí nessa esparrela, confesso, não me lembro já se por ingenuidade ou boa-fé (que, infelizmente, nunca me largaram) se por qualquer ponta de vaidade que me aguilhoasse a ir empunhar o malhete de venerável.[1]

Sei lá!... Eu tinha então 27 ou 28 anos e possivelmente morder-me-ia alguma mosca... Já me não lembro bem do que se passou no meu espírito para aqui poder deixar confissão sincera.

Disse acima que caí na esparrela. Na

Na verdade, eu talvez não visse bem que o intermediário de tudo, o sargento reformado Ant.º Pinto dos Santos era um tanto ou quanto trapalhão e o secretário geral da Ordem era ao tempo e não sei por que malas-artes, o faustoso e espectaculo Fausto de Quadros que tinha feitio esquinado como todos os diabos e complicava sempre tudo. Pedi explicações de certos enigmas ao velho amigo Vasconcelos; este, deu-mas

---

[1] Doc.º n.º 153 do cit. vol. II.

numa longa carta, suficientemente clara — e disto tudo veiu a resolução de anular a minha autorização.[1]

Pelo Natal, em Coimbra, nuns dias de licença, ouvi uns e outros; o Pinto dos Santos acusou o Vasconcelos; elementos bons desse quadro em preparação, velhos republicanos, puzeram o caso em pratos limpos: havia em todas as negociações certos mistérios a que não eram estranhas as embrulhadas do Pinto dos Santos e as altas congerminações do Fausto de Quadros.

Mantive a minha recusa e com uns amigos pensámos vagamente numa loja que tivesse a missão, sem espalhafatos e sem liturgias complicadas, a propaganda do Livre Pensamento.

Voltei para Valença em 4 de Janeiro de 1908. Deu-se a revolta de 28 desse mês e a seguir o regicidio; fui de novo colocado em Coimbra no regimento 23 e de novo continuaram certos amigos á minha volta mas sem nada de positivo, só conversas. O tal alferes Oliveira semeava o País de

---

(1) Doc.º 161 e seg.tes do vol. II.

lojas e triangulos; conversou comigo, em um dia de Julho e eu recusei-me ás boas propostas; as trapalhadas continuáram por, carnenta como conto, com certa minucia, no citado volume.

Até que... Até que em Agosto, o Dr. Fernandes Costa convocou-me para o Hotel Avenida, no dia 18, a horas do jantar. Lá fui e ouvi pacatamente a exposição a serio do que se passava. Por causa da tal Loja Redenção as antigas oficinas de Coimbra sairam da obediencia, formáram um grupo independente e entendia ele que eu e os irmãos sérios que andavam arredios deveriam entrar na Loja Portugal onde ele foi veneravel muito tempo e me deu a entender que me largava a sucessão

Conto tudo, miudamente, tambem, no vol.e mencionado. Até que, passadas as ferias, em Dezembro, o caso foi resolvido.

×

A 9 de Dezembro de 1908 fui recebido com cordealidade e certa deferencia na Loja Capitular Portugal instalada no mesmo prédio e nas mesmas salas onde estava

a Academia Livre. Já lá iam nove anos, bem passados. Era então veneravel o dr. Augusto da Costa Pereira, velho amigo e homem sério, correcto, conciliadôr, que me recebeu afavelmente; e levando-me para um gabinete expoz-me a situação da Loja e, de combinação com o dr. Fernandes Costa, o desejo de me passar o malhete nas proximas eleições.

Conto no cit.º volume de documentos e com pormenores as cenas da m.ª entrada q. teve certa solenidade e em que tive de falar.(1) As minhas palavras, segundo anotei na devida altura, fizeram sensação.

E aqui começa nova vida, dentro de loja séria, constituída por gente republicana, adversa á reacção ultramontana que se esta deava naquela quadra final da Monarquia; e sem solavancos o tempo foi correndo e lá fui eleito veneravel nas primeiras eleições que se fizeram e, segundo julgo, a contento de todos.

Deste periodo do veneralato não encontro apontamentos ou notas que me ajudem

(1) A pag.ª 119 e seg.tes do vol. II.

K–49

a memoria q. começa a ser fraca. Ha nos meus papeis lacunas que os quase cincoenta anos passados não deixam reconstituir com fidelidade.

Lembro-me apenas que o ano de 909 correu sem novidade e se conseguiu a reentrada no Grande Oriente Lusitano Unido. E assim o tempo nos foi aproximando da data festiva de 5 de Outubro de 1910 que marca, nestas minhas pobres memorias, o começo de novo volume que ainda quero ver se acabo enquanto a vista me der licença.

Ficarei agora por aqui neste capitulo de trabalhos maçonicos para recomeçar mais adeante com novo arrazoado de trabalhos desta vez os ultimos e definitivos, felizmente — graças ao Supremo Arquitecto!

Pelo que aí fica escrito, o meu provavel e longinquo leitor poderá fazer ideia desagradavel acerca do que então era a Maçonaria em Coimbra, nos felizes tempos da Monarquia Constitucional e terá razão.

Eu era novo, a propaganda republicana era intensa e entusiasmava-me; certa dose de boa-fé, pouco conhecimento dos homens, a influencia do meu passado de ~~co~~

creança que atraz ficou contado e me empurrava ao desejo de ver triunfar as idéias anti-monarquicas, levávam-me a contemporisar, convencido de que alguma coisa se poderia conseguir.

Mas era dificil andar com boas intenções no meio daquela gente em parte eivada de certas ambições, de má-fé e, possivelmente, até, de traição por conta alheia. Sei lá!... Ha gente para tudo.

Hoje, ao cabo de meio seculo de vida cortada por episodios variados, não custa a acreditar em tenebrosos planos mascarados de promessas aliciantes.

Enfim, aí fica o que é essencial.

Não deveremos corar por nos termos enganado. A compensação do engano é dada pelo conhecimento que fiquei tendo de muita coisa e de muita gente. Seria uma rapaziada, como escreveu Herculano, a minha passagem pela Pedreirada Livre... Mas foi salutar. Serviu-me bastante para muitos passos da vida e ainda hoje, no seu declinar, serve-me para melhor compreender certos sucessos e avaliar com mais serenidade certos homens.

Noutro capítulo, mais adeante, quando voltar a falar a respeito da minha vida maçónica, se verá se tenho ou não razão.

Coimbra

19 de Janeiro a 8 de Junho de 1958.

LIVRARIA DA UNIVERSIDADE

CORREIOS
-3 OUT. 06
COIMBRA

Indices

I

Nomes proprios:

Abranches (Adelina): 312 e 327
Afonso (Infante Dom): 111.
Aguiar (Luis Esteves de), estudante: 288-289.
Albuquerque (General Braz Mousinho de): 334.
Almeida (Artur Augusto Duarte da Luz): 344-45.
" (Fialho de): 30
" (João de), alferes: 361
" (Luis de Castro e): 27.
" (Manuel Ant.º de): 6, 88, 134-135.
" (Pinheiro de), capitão: 258
Alves (Henrique), actor: 310
Amaral (Herculano do): 53
Amélia (Dona), rainha: 102
Andrade (Ant.º Lopes Rebelo de): 4, 5, 15, 21, 89, 96-97.
" (Caetano de Noronha Freire de): 227, 228, 235, 236 e 248.
" (Cesar Freire de), medico: 177.
" (Tristão de Noronha Freire de): 22
Annunzio (Gabriel d'): 325.
Antunes (João Crisostomo): 290
Arapão (Dr. Gilberto de): 306.
Arnoso (Conde de): 312
Azerêdo (Alfredo de Melo): 22
Azevedo (Dr. Flaminio Teix.ª de): 105.
" (Manuel Pinto de): 358
Balzac: 11 e 15.
Bandeira (D. M.ª da Conceição): 175 e 180
" (José da Silva), ~~[illegible]~~ capitão: 181, 183, 186-188.

Baptista (Bernardo Pedro de Almeida): Vide Pedro
" (Henrique): tenente: 333 e 335.
Barbosa (António): tenente: 333 e 335.
Barreto (Abílio Roque de Sá): 370.
Barros (Alfredo Augusto de): ten.te cor.el: 3-4, 5 e 6.
" (João de), séc.º XVI: 147.
Barroso (D. Ant.º), bispo do Porto: 345-346.
Basto (Dr. Alvaro da Silva): 279.
Bastos (Dr. Henrique Teixeira): 279.
" (José), farmacêutico: 162-164.
" (José Carrilo da S.ª): 162-164, 165-166 e 173.
" (Vitoriano José), tenente: 227, 248, 264, 265 e 266.
Beethoven: 276 e 277.
Benfeito (João Duarte): 39, 157-158.
Bergström (Gustavo Adolfo): 371 e 372.
Botelho (José Just.º Teixeira), general: 307.
Braga (Miguel), comerciante: 319-320.
Brack-Lamy (Adelino Cândido Ferreira), ten. cor.el: 227, 248, 249 e 267.
Brandão (João): 65
Brazão (Eduardo), actor: 310.
Bruno (José Pereira de Sampaio): 15.
Cabeça (Dr. Custódio): 301.
Cabral (Cesar Amadeu da Costa): 215
Caldeira (P.e João): 209.
" de Oliveira (José): Vide Oliveira
Calisto (Sérgio Ferreira da Rocha): 372, 375-377.
Camon, coronel: 52
Canto (Franc.º Bernardo do), tenente: 8, 12, 13, 16-18 e 19.
Carlos (D.) I, rei: 102, 111, 220-223.
Carvalho (Francisco ~~de Miranda~~ (a) Martins de): 213, 220, 222-223, 298, 303-308.
" (João Maria de Oliveira), tipógrafo: 366 a 369 e 371.

(a) Augusto.

Carvalho (Joaquim Martins de): 298, 305 e 308
" (Dr. Joaquim Martins Teixeira de): 219 e 356
" (Conselh.º Joaquim Leito de): 347.
" (Vasco de): 289.
Casimiro (Augusto): 332-333, 334-335.
Castelo-Branco (Camilo): 11, 78 e 326.
Castro (Ant.º Pais de Saude e): 290.
" (Cupertino de): 326.
" (Franc.º Xavier Vaz Pacheco de): 288-289.
" (Gonçalo Pimenta de): 7, 52-53.
" (Luis Augusto Ferreira de): 342 e 365.
Cesar (Vitoriano José): 52.
Chagas (Ant.º Fernando do Rego): 59, 115, 128, 220-3.
" (João): 140, 145.
Chaves (Dr. Alfredo de Matos) medico: 332 e 336.
Chuquet, comand.t: 52
Coimbra (Dr. Augusto), advogado: 73, 74, 107 e 247.
Colin (J.), comand.t: 52
Correia (José Maria), cirurgião: 172.
Cortezão (Jaime): 332.
Costa (Ant.º Pereira da Cunha e): alferes: 262-263
" (Augusto Emiliano da): 289-290
" (Fernando dos Santos): 306.
" (Franc.º Correia da): 66, 67, 68-69, 70 e 71.
" (Dr. Franc.º Fernandes), advogado: 85, 363, 366, 379, 380, 384 e 385.
" (Joaquim ? Emiliano ? da): alferes: 227.
" (Manuel Antonio da): 366, 370-371.
" (Pedro Celestino da): coronel: 83-84 e 116
" (D. Prudencia Tavares da): 63
Crespo (José): 298.
Cristo (Franc.º Manuel Homem): 49, 50-58, 89, 121, 126, 127, 129, 131, 132, 227 e 258.
Cruz (José Coelho Correia da): 207
Cunha (Alberto Guerreiro Peixoto e): 32, 243-244
" (Aristides Rafael da): 8-9.

Cunha [P.e Joaquim Ribeiro da]: 163-164 e 240
Damasceno [Rosa], actriz: 310
Dantas [Julio]: 330, 331.
Delgado [Dr. José da Costa de Vasconcelos]: 82, 258.
Dias [Carlos Malheiro]: 316
" [Fausto Fernandes]: 335
Diniz [Julio]: 160
Donato [José Ernesto Marques]: 372
Duque [Mario Soares]: 79-81, 346, 347 e 348.
Eça [João de]: 278.
Ermitão [Major . . . . .]: 258 e 264
Falcão [Luciano Fernandes]: 165-166
Feio [Luis de Mira]: 288.
Felix [José], capitão de Caval.a: 245-246
Fernandes [Aureliano Lopes de Mira]: 287.
Ferrão [Dr. Antonio]: 305.
" [José Maria Dias]: 79, 233, 345-347, 349, 352, 355, 356 e 357.
Ferreira [Antonio Aurelio da Costa]: 328-330, 347, 355-357, 362, 363, 364, 368-369 e 372
" [Joaquim M.a]: major: 59, 227.
" [José Eugenio Dias]: 292-294
Figueiredo [P.e Joaquim Mendes de]: capelão: 105, 108 e 216.
Franco [João]: 56, 189, 198-199, 201, 292, 295 e 308.
Freitas [Domingos Ant.o dos Santos e]: 10, 20, 41-43, 47-49, 54-58, 77, 84-86, 104, 122, 125, 129, 131, 132, 133, 135, 138, 143, 144, 189-199, 200, 213, 219 e 300.
" [Guilherme Aug.to Vitorio de]: 58-59
Galvão, farmaceutico em Arganil: 161.
Garcia [Conego Prudencio Quintino]: 216
Garrett: 76, 218.
Gasset [Ortega y]: 274.
Gide [André]: 276.
Girão [Julio Pereira], capitão: 59.
Godinho [. . . . . .], Poiares: 66-67 e 71.

K - 50

Gais (Teofilo da Costa): 144
Gomes (José de Oliv.ª), tenente: 12 e 19.
Gonçalves (Dr. Armando Leal): 369-370, 371-372
" (Horacio de Assis): 335.
Goulão (Miguel) capitão: 227, 260, 263, 264 e 265.
Gouveia (Dr. Ant.º da Fonseca), medico: 107.
Grilo (Francisco Martins): 253-259, 362, 365, 367-370, 372, 373-374
Guimarães (Dr. Adolfo): 178.
Herculano (Alexandre): 218, 326, 338 e 387.
Hugo (Victor): 80 e 326
Iglesias (German): 337.
Jardim (Dr. Joaquim), Figueira da Foz: 201 e 202.
" (Dr. José): 201 e 204.
Jorge (Antonio ?), alquilador: 227.
Junqueiro (Guerra): 11.
Kropotkine: 277.
Lage (Ant.º Xaviano Mendes): 31.
Leibnitz: 284.
Leitão (Artur): 356
" (D. Ester Bandeira): 181-183.
Leite (Fernando de Oliv.ª): 333 e 335.
Lemos (Franc.º Marques Pereira de), capitão: 59.
Lencastre (General . . . .): 112
Lima (Henrique Ferreira): 305
Lobo (Dr. Antonio) medico: 191-199.
Loureiro (Raul Silvão): 2, 27 e 41.
Luis (D.) I, rei: 347.
Machado (Ant.º Augusto de Morais): 27.
" (Dr. Bernardino): 327-330, 360 e 362
Magalhães (M.el Maria Tavares de): 20-21.
Maia (Carlos da): 278.
" (Delfim M.ª de Oliveira): 149.
" (Fernando da Costa): 148 rep.
Marinho (José Barbosa): 362.
Marques (Arnaldo Vitor): 333 e 335
Martins (Augusto da Costa): 308

Martins {Joaquim Pedro de Oliveira): 326
" {José Ferreira): Capitão: 49 e 50
" {Manuel Augusto): 338-339.
Massano {Cor.el . . . . . }: 250-251
Massena {André): 237 e 238.
Mata {José Caeiro da): 361.
Matos {Dr. Daniel Ferreira de}: 69 e 301.
Melo {Augusto), actor: 313.
" {D. Francisco Manuel de): 1.
" {José Pinheiro de}: 342
" {Pedro José de): 289.
" {Vicente Pinheiro de}: 309, 310-312, 313-315.
Miranda {Ernesto Marciar de}: 191-199.
" {Orsini Bernardes de): 311-312.
" do Corvo {Barão de): 180
Monteiro {Alberto dos S.tos Pereira): 213 e 227.
" {António Ribeiro): 21.
Morais {Alberto Faria de): 306.
" {Pedro de Alcantara de Andrade): 288-289.
Moreira {José Fernandes): 333.
Mota {Carlos Aug.to da Costa}: 289.
" {Luis José da): 21, 213-214.
Moura {Ant.º Frederico Garjão de): 156-157.
Nolre {António): 189.
Nogueira {P.e Adelino Dias}: 82, 161-162, 247 e 269.
" {Franc.º Inacio Dias): 60, 70 e 74.
Noronha {Boaventura de}: 39.
Nunes {Artur Heintze Ribeiro): 142
Oliveira {Agostinho Barreto de}: 89.
" {Antonio de), alferes: 381 e 382-383.
" {José Caldeira de): 209-211.
" {" Soares de), Peniche: 184-186.
" {Julio Carrão de): 89
Ortigão {Ramalho): 145
Pais {Sidonio}: 279 e 287.
Pedro {Bernardo}: 143, 144, 190 e 298.
Pedrosa {Dr. Franc.º Lopes de Guimarães}: 203, 204

Pedroso (D. Beatriz): 310-312 e 320
Peixoto (José Joaquim), capitão: 6-8 e 24
Perdigão (Abel), Arganil: 82 e 242
Pereira (Albino Estevão de Vitória): 184-188.
" Junior (Ant.º Pires): 14, 15 e 17.
" (Dr. Augusto da Costa): 385.
" (Faria), coronel: 116
" (Nunalvares): 156.
Peres (Dr. Vitorino): 178.
Pimenta (Alfredo): 363
" (Ant.º Maria): 139
Pimentel (D. Sara): 292
Pinheiro (Columbano Bordalo): 310
" (Dr. Mendes), professor: 279.
Pinto (Angela): 313-315.
" (Feliciano do Nascim.to), capitão: 8
" (Luis Augusto Pimentel): 23, 33, 87, 109, 126, 132, 137 e 278.
Porto (Ant.º Carlos Coelho de Vasconcelos): 200, 253.
Quadros (Fausto de): 354-355, 366-367, 373-374, A 380, 382 e 383.
Quiroga (. . . . . .) capitão: 32
Queiroz (P.e João), de Sernide: 173.
" (José M.ª Eça de): 11 e 278
Quental (Antero do): 138
Ramires (Luis), estudante: 361.
Refoios (Dr. Joaquim Augusto de Sousa): 299-303.
Reis (Luis da Camara): 327.
Renan (Ernest): 45.
Ribeiro (Helder): 21, 358.
" (João Maria), professor: 368.
" (P.e Joaquim): ver Cunha.
" (José da Cruz): alferes: 333 e 335.
" (Luis da Silva): 364, 372, 376-377 e 378
Rocha (Fortunato Pires da): 289
Rodrigues (Dr. Agapito Pedroso): 309-326, 360-361 e 377-378.

Rodrigues {Francisco} sold.º impedido : 172
" {Valentim José} : 311 e 320
Rosa {Augusto}, actor : 310.
Salazar {Ant.º de Oliveira} : 63.
Salgado {Alberto}, tenente : 8-9.
" {Ant.º Pinto Cardoso} : 4 e 5.
Santo António : 369.
Santos {Ant.º Mendes Pinto dos} : 382 e 383.
" {Calisto Mendes dos} : 173 e 174.
" {Joaquim Fernandes dos} : 174-180
" {Rui Henriques dos} : 289.
Saraiva {Francisco Alberto de Almeida Ribeiro} : 289.
Scott {Walter} : 15.
Silva {Alfredo Ferreira da}, actor : 312-313.
" {António dos Santos} : 372
" { " Sergio de Brito e} : 227, 230 e 265.
" {Armando Carneiro da} : 355.
" {Carlos Beja da} : 1º sarg.º : 54.
" {Dr. Luciano Pereira da} : 300, 302 e 303.
" {Manuel Caetano da} : 68 e 218
" {Dr. Serras e Silva} : 63
Simões {Dr. Alberto da Veiga} : 327.
Soares {Aníbal} : 309, 316-319, 326-330.
Soleral {Dr. José Colaço Alves} : 364-365, 371 e 379.
Sousa {Abílio Augusto Valdez de Passos e} : 21.
Tavares {Raul da Silva} : 84, 94-95, 96, 108, 126, 132.
Taveira {Alfredo Pereira}, cor.el do E.M. : 52
Teixeira {Baltazar de Almeida} : 372 e 375-377.
Teles {Casimiro de Sousa}, tenente : 8.
Temudo {Vasco} : 246
Terrail {Ponson du} : 80
Tibulo : 338.
Traga {Miguel} : 277.
Trindade {António} : 334 e 336.
Vasconcelos {Dr. António de} : 52 e 221-222
" {José Aug.to Per.ª de} : 355, 380, 382-383

Veiga (Antero da): 82 e 165.
Ventura (General - - -): 251-252, 264, 267 e 268.
Verlaine (Paul): 47.
Viana (Ant.º Caetano Ribeiro): 5 e 19.
Videira (Manuel Duarte): 339 e 341.
Wellington (duque de): 237 e 238.
Xavier (Dr. Anselmo): 343.
Zola (Emile): 11.

II

Varia:

Academia Livre: 338-349 e 385.
Afastamento do exercito (O meu): 212 e 224
Aldeia das Dez: 166 seg.
Aliança, loja maçonica: 349
Alqueve, freg.ª de Folques: 209 seg.
Ambrosio das Mercês, romance: 316.
Amor e Odio, romance: 80
Analfabetismo no exercito: 54-58 e 138-139.
Aniversarios dos reis: 145.
Arganil: ver Diligencias.
Arganil, vila: 73-75 e 160-162.
Arquivo Hist.º Militar: 306.
Artigos historicos (Os meus): 78-79.
Auto Pastoril, de Pedroso Roiz.: 310 e 311.
Barcelos: 32, 34, 38-39.
Benção da bandeira do R. I. 23: 214.
Bôdas de Lia, de Pedroso Roiz.: 312.
Braga: 27, 28-29 e 31.
Buçaco (A serra do): 99-100
" (Manobras no): ver Manobras.
Cabanco, freg.ª de Ceira: 190-199.
Caçadores n.º 3 (A m.ª colocação em): 297.

Calculo diferencial : 286-287.
Carrinho de ferro p.ª a Lousã : 290-292.
Candieiro de azeite (O meu) : 281-284.
Caxias (O meu curso em), 1938-1939 : 214.
Caia dos Cardeais : 330
" " Generais : 330-337
Château (Le) Perilleux : de W. Scott : 15
Chelo, freg.ª de Larvão : 200
Cinquenta anos depois : 75 e 78
Coimbra : fogueiras de S. João : 248-249 — Futricas : 365-366 e 367-370 — Monumento dos mortos : 335 — Pastelaria Teles : 316 e 319 — Tabacaria Andrade : 298 — Pena academica : 336
Colegio de S. Bernardino, Peniche : 187-188
" " S. Fiel : 302-303.
Convenio com credores externos em 1902 : 356-357 e 357.
Datas historicas : ver Artigos
Destacamento de Peniche : ver Peniche
Deus (O metodo de João de) : 54-58, 138-139
Dia (O), jornal de Lx.ª : 310.
Diario Ilustrado, de Lx.ª : 328 a 330.
Dicionario Bibliografico, de Inocencio : 79.
" " Militar : 305-306
Diligencia a Aldeia das Dez : ver Aldeia das Dez
" a Arganil (1.ª) : 60-76 e 232.
" " " (2.ª) : 81-83 e 231.
" " " (3.ª) : 201, 208-212
" ao Paião : ver Paião
" a Soure : " Soure.
Education (L') militaire de Napoleon ; 52
Eleições em 1906 : 201-208
Engenharia (Os meus projectos de) : 273.
Escola do Exercito : 149
" Pratica de Infantaria : 1-26, 44 e 362
Espinhal : 174-178.

Exercicios de quadros, em Arganil, 1906 : 200 e 225 e seg.tes
Feira de Montalto, Arganil : 208-212.
Felgueiras, Minho : 337.
Figueira da Foz : 319-325
Folha de Coimbra, jornal : 56-58.
Generalato : vide Caxias
Gréve academica, 1907 : vide Questão
Grupo de Metralhadoras n.º 2 : 332
História Militar : 51-53
Ideia (A) de Deus, de Bruno : 15.
Infantaria n.º 7 : 114-115, 117, 134 e 230
" " 8 : 27 e 34
" " 15 : 89, 137 e 121.
" " 23 : 10, 19-20, 41-46; cap. II ; 214, 236.
" " 24 : 92, 113, 115, 116, 117, 120, 126, 230-231 e 236.
Invasão estrangeira pelas Beiras : 237 – 239.
Jesuitas : 302-303.
Jornais e Revistas de Coimbra : 355.
Jornal da Lousã : 79.
" Tarrejano : 78-81
Lampadario da Batalha : 331-332
Liberal (O), jornal de Coimbra : 354-355.
Liberdade, loja maçonica : 347, 348, 349-365.
Livre-Pensamento : 383.
Lojas maçonicas : Academia Livre, Aliança, Liberdade, Patria, Perseverança, Portugal, Pro-Veritate e Redenção.
Maçonaria : o Grande Oriente : 341-343.
" em Coimbra : cap. VII, todo.
Mafra : generalidades : 145-147.
" : o convento : 3-4 e 11.
" : a Tapada : 14-15 e 16-18.
Manobras do Buçaco : 83-137.
" do Minho em 1903 : 24, 25-26, 32-40
Marte : grupo cénico : Penafiel : 336-337.

Matricula na Universid.e em 1906 : 273-280
Minho (O) : 27-31, 38-41.
Miranda do Corvo : 162-165, 172-181 e 291-292.
Mistério (O) da Estrada de Sintra : 80
Moita (Serra da) : 254.
Montagua : 107 e 110-111.
Mourãonho : 259-260
Mucela (Ponte da) : 233-238.
" " ", acção de 1811 : 237-238.
Oliveira do Hospital : 167-169.
Paião (Diligencia ao) : 201-208.
Passeios e viajatas. Notas ligeiras : 31 e 200
Patria, loja maçonica : 354, 367, 373-374 e 380.
Peau (La) de Chagrin : 15.
Pecados Velhos : 12.
Penacova : 143-145.
Penafiel : 336.
Penela : 174-179.
Peniche : 181-188.
Perseverança, loja maçonica : 366.
Poiares (O vale de) : 232-234.
Ponte da Mucela : vide Mucela.
" Velha, freg.a de Foz do Arouce : 231-232.
Porto : 26-27.
Portugal, loja maçonica : 363, 366, 379 e 384.
Povo (O) de Aveiro : 50 e 53
Pro-Patria, de Homem Christo : 54
" -Veritate, loja maçonica : 364, 365-373, 375 e 380
Questão academica de 1907 : 292 seg. e 381.
Reacção ultramontana : 341
Redenção, loja maçonica : 382 e 384.
Revista Militar : 307
Romances realistas : 82 e 159 seg.tes
Seára Nova : 327.
Seculo (O), jornal de Lx.a : 140-143 e 152.
Sintra : 16-18

K-51

Soure : 169-171.
Superstições : 210-211.
Tentativas literarias (As minhas) : 11-12, 21, 29-31
Torres Novas : 78.
Transportes na Beira : 228-229.
Tripeiro (O), revista do Porto : 149.
Valença do Minho : 381, 382 e 383.
Vida (A) regimental : 76-78, 219 e 274.

III

Resumos

Capitulo I — Escola Pratica de Infantaria: a chegada; a má impressão de entrada; os comandos e os oficiais. A instrução e o ambiente. As minhas leituras e tentativas literarias. As récitas. Os exercicios de tactica na Tapada. Critica aos processos de instrução; os escolhidos e os protegidos. A m.ª informação para o regimento. As provas finais. Considerações sobre o tirocinio. A ida para as manobras do Minho. Colocação em Braga. Impressões do Minho e a preocupação literaria. As manobras. Regresso a Coimbra. Apresentação no regimento. O Domingos de Freitas. A m.ª informação confidencial. Considerações finais. — Pag.s 1-46.

Capitulo II — Apresentação no regimento. O Domingos de Freitas e as suas instruções. Os oficiais, impressões ligeiras. O Homem Cristo e o livro Pro-Patria. A primeira diligencia a Arganil. O velho Francisco Correia da Costa, de Poiares. A vida regimental. Os artigos historicos para o Jornal Torrejano e para o Jornal da Lousã e o romance Amor e Odio. A segun-

da diligencia a Arganil, por causa de eleições. As manobras do Buçaco. — Pag. 47 - 137.

Capitulo III — Continuação da vida regimental. As tendencias literarias e respectivos atentados. A primeira entrada em automovel. O major Fernando Maia. Mais romances realistas frustrados. A diligencia a Aldeia das Dez. A diligencia a Soure. Temporada em Miranda do Corvo. O Senhor da Serra de Semide, o Espinhal e Penela. O destacamento em Verriche e o major Vitoria Pereira, administrador do concelho. Pag. 138 - 188.

Capitulo IV — Continuação da vida regimental. O capitão Domingos de Freitas e as nossas boas relações. O jantar no Cabouco (Beira) e o baptisado no Chelo. A diligencia ao Paião. A feira de Montalto em Arganil. Considerações sobre a vida regimental e o projecto de largar o exercito. A benção da bandeira nova do R. I. 23. A passagem de D. Carlos na Estação-Velha e o beija-mão. Considerações finais. Pag. 189-224.

Capitulo V — Exercicios de quadros em Arganil em Junho de 1906. A ida para Arganil em char-à-bancs. Os oficiais nomeados. O que eram as diligencias para a Beira. Chegada a S. Frutuoso, encontro com outros oficiais de Infantaria 24 e de Infantaria 7. O vale de Poiares. O almoço na Mucela. Considerações sobre a acção de 1811 e as linhas de invasão pelas Beiras. Chegada a Arganil e as apresentações. Os comandos e o tema. Começo dos exercicios. O primeiro dia. Os relatorios. A conferencia do general. Tarde sossegada; a melancolia da paisagem. O Teatrinho de Arganil. Pag. 225 - 272

Capitulo VI — Resolução de mudar de vida. Considerações varias. O começo do ano lectivo de 1906-1907. Os condiscipulos. A inauguração da linha ferrea para a Lousã. A questão academica de 1907. A Tabacaria Andrade e o general Martins de Carvalho. A morte do Dr. Sousa Refóios e o telegrama para o colegio de S. Fiel. O general Francisco Augusto Martins de Carvalho. O Agapito Pedroso Rodrigues, o Vicente Pinheiro de Melo e a Angela Pinto. O Anibal Soares e o charuto. A escapada á Figueira. De novo Anibal Soares e o Dr. Bernardino Machado. A Ceia dos Generais. Pag. 273-337.

Capitulo VII — Os meus trabalhos maçonicos. Primeiros tempos da Academia Livre. O 3º grau, de Mestre. A ida ao Grande Oriente: o José Pinheiro de Melo, o Feio Terenas e o Luz de Almeida. A dissidencia na Academia Livre e o caso do bispo D. Ant.º Barroso. A entrada para o Grande Oriente de Portugal e a fundação da Loja Liberdade. As intenções dos fundadores. O Martins Grilo. O desejo dos graus. O Fausto de Quadros e a Loja Patria; o jornal O Liberal. Os tumultos por causa do convénio com os crédores externos. O Helder Ribeiro e o Agapito Pedroso Rodrigues. O pouco cuidado na escolha dos obreiros. Continuação das dissidencias; abandono da Loja Liberdade e fundação da Pro-Veritate. Erro na constituição do quadro com estudantes e futricas, origem de futuras desinteligencias. O Oliveira Carvalho "leader" dos futricas. O dr. ~~Armando~~ Gonçalves veneravel, melindrado com alguns obreiros. Cisão formada por muitos estudantes. O meu quite em fins de 1905. Projectos de nova loja de estudantes de que eu seria veneravel. Interven-

ção do Dr. Fernandes Costa. O aparecimento do mysterioso alferes António de Oliveira e a tentativa para levantar a Loja Redenção. A m.ª entrada para a Loja Portugal em Dezembro de 1808. Considerações acerca do que eram os trabalhos maçonicos naquele tempo em Coimbra. Pag. 338 – 388.

IV

Nomes proprios – – – – – Pag. 390

Varia – – – – – – – – " 398

Resumos – – – – – – – " 402

Começado a copiar em 29 de Agosto de 1957, na Quinta da Paz; acabada a cópia a 13 de Agosto de 1958 na mesma Quinta.

LIVRARIA DA UNIVERSIDADE

Começada a copiar em 27 de Agosto de 1857, por [illegible], e acabada a copiar a 12 de Agosto de 1858 em [illegible]